



# GUAIRACÁ REVISTA DE FILOSOFIA

## O REAL COMO (IM)POSSÍVEL

RENATO DOS SANTOS<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo busca trazer à baila a problemática do real pensado enquanto impossível, non-sens. Consideraremos as elaborações desta questão sobretudo a partir do ensino de Lacan, em seus diferentes momentos. O que podemos destacar de todos estes momentos em torno do real é que este encontra-se no centro da experiência analítica e, mais do que isso, constitui aquilo que a psicanálise e a concepção de sujeito descentrado respondem enquanto algo que é da ordem do irrepresentável mas, ao mesmo tempo, constitutivo, uma vez que o real apresenta-se também como a própria morte ou finitude deste sujeito.

Palavras-chave: Real. Impossível. Irrepresentável.

### ABSTRACT

This article seeks to bring to the fore the problem of the real thought as impossible, non-sens. We will consider the elaborations of this issue mainly based on Lacan's teaching, in its different moments. What we can highlight from all these moments

---

<sup>1</sup>Doutor em Filosofia pela PUCPR e Universidade de Coimbra.

around the real is that it is at the center of the analytical experience and, more than that, it constitutes what psychoanalysis and the conception of the decentered subject respond to as something that is of the order of the unrepresentable. but, at the same time, constitutive, since the real also presents itself as the very death or finitude of this subject.

**Key-words:** Real. Impossible. Unrepresentable.

Nosso objetivo neste artigo será frisar em que sentido o real se coloca como impossível e, mais do que isso, de que modo ele, junto com o Simbólico e o Imaginário, estão encarnados, entrelaçados, algo que a figura do nó borromeano ilustra com precisão. Portanto, neste ponto o sentido do título de nosso livro, vale lembrar, “a carne do real”, se esclarecerá da seguinte forma: o real, simbólico e imaginário, os três registros, estão em pé de igualdade, não há sobreposição, embora suas singularidades estejam preservadas.

A noção de carne, que aqui usamos, é claramente retomada de Merleau-Ponty para pensar uma estrutura ontológica, e que em Lacan os três registros serão arquitetados pela topologia do nó borromeu. Nisto aproveito para sugerir o seguinte: será que não podemos entender a noção de carne de Merleau-Ponty enquanto uma topologia? Respondo que sim, e que é nesta direção que encaminho estas reflexões, ou seja, pensar a noção de carne, enquanto estrutura ontológica, em termos topológicos, fazer então uma carnalidade topológica para compreender o real.

A tarefa neste artigo será aprofundar o que afinal falamos quando denominados o termo “real”. De partida já podemos afirmar que iremos abordar o real a partir da psicanálise de Freud e Lacan, e da ontologia de Merleau-Ponty. Essa delimitação é necessária porque evidentemente há várias leituras sobre o real. Mas tentaremos fazer é, a partir dos autores mencionados, apresentar a nossa leitura. Vamos lá!

Primeiramente, há que considerar que o real não é a realidade, mas ele pode fazer sua aparição por meio dela, sem esquecer que o real é sempre fora de significação, ou seja, inapreensível pela condição de sujeito simbólico que nos situamos. Vale lembrar que a realidade, da qual sempre nos referimos, acreditando que seja igual para todos, é construída por imagens (imaginário) e significantes (simbólico) do sujeito. Temos a ilusão de crer que atingimos as coisas mesmas pelos significantes que temos para se referir a elas. Na esteira da linguística de Saussure, Lacan irá mostrar como nosso acesso se dá tão somente aos significantes e não a coisa em si. Segundo Teixeira:

Nossa relação com a realidade é caracterizada pelo semblante: visamos os objetos, mas só lidamos com os significantes. Esta seria uma vertente possível para pensar

o que Lacan denomina a *não-relação sexual*: como a relação entre os parceiros do casal deve necessariamente passar pelo significante, a falta de um significante que permitiria escrevê-la acarreta a sua impossibilidade. A realidade implica também o Imaginário pois ela é o campo das projeções, dos afetos e, sobretudo, o campo da fantasia. [...] Pelos motivos acima listados, a concepção de realidade na psicanálise se distingue da noção do senso comum de 'realidade objetiva', que pressupõe uma realidade comum para todos, visto que ela será sempre uma construção diferente para cada sujeito, moldada segundo o enquadramento da sua fantasia.

Diferente da realidade, o real é precisamente o que resiste às possibilidades que o sujeito dispõe, o real não se enquadra na fantasia, mas antes é o que vem romper com ela, causando ao sujeito nada menos do que angústia, por ver sua fantasia despedaçar pela navalha do real. Embora a realidade seja forrada pela fantasia, como lembra Teixeira, o real também pode advir da realidade por meio do trauma, na medida em que "há sempre na realidade esse núcleo não simbolizado que pode irromper em certos momentos para o sujeito".

Podemos assim dizer que não há abrigo contra o real que seja assegurado plenamente pelo simbólico e o imaginário. A bem da verdade, o ponto central como mostraremos a seguir, é que com o nó borromeano fica claro como real, simbólico e imaginário estão entrelaçados. Mas por ora, importa entendermos que quando falamos do real já estamos dizendo-o desde nosso lugar central que é a linguagem. A palavra nunca é a Coisa, mas busca denotar um sentido que é experimentado em nossa existência, este sentido da palavra real evoca o que é "estritamente impensável".

O real é o que propriamente não pode ser dito, não há significante que o consiga definir, justamente por não possuir significante que consiga esgotá-lo. Poderíamos nos perguntar: como saber se algo é a manifestação do real ou somente alguma decepção ou algo desta natureza? No *Seminário X* Lacan irá falar que angústia é o único afeto que não engana, e não engana justamente porque a angústia é a marca original do real. Então quando falamos que o real é aquilo que não possui significante que o consiga delimitar exatamente, é precisamente porque isto é o que podemos falar de o peso do real enquanto impossível de significação, que é na verdade uma questão lógica. Porque aquilo que é impossível, é impossível justamente porque não é possível esgotar.

Assim podemos falar do tempo mítico em Merleau-Ponty, na medida em que não há como apreender, dar um salto a partir do presente, para captar este tempo mítico que me precede sem que eu posso agarrá-lo. Assim, necessariamente, quando o real, ou seja, esse tempo mítico se manifesta, ele causa passividade. Esta passividade é o que o real traz com a sua manifestação. Passividade diante daquilo que não se tem nome, ou seja, o que é sem sentido, que não há sentido que o abarque, que não há significante, não há imagem que o consiga capturar. É isso que se chama

de real, indefinido, inesgotável, impossível, e o impossível, como dirá Lacan, “o impossível é o real”.

Mas isto, por outro lado, não deixa de figurar certo paradoxo: porque o real só pode fazer entrada, produzir efeitos na medida em que é direcionado a nós, sujeitos ditos humanos feitos de linguagem e, portanto, animais simbólicos. No real nada falta, o real é vazio de sentido, visto que o sentido é de ordem imaginária. O real é completo porque não lhe falta nada, se basta por si mesmo. O simbólico instaura a falta e esta é trabalhada pelo imaginário que irá tentar dar imagem e sentido a ela.

Quando Lacan retoma o *das Ding* freudiano ele está ali introduzindo esta noção de real enquanto figuração da Coisa, do objeto perdido que é pressuposto pelo complexo de castração. Isso esclarecerá de que forma a pulsão de morte será, para Lacan, a própria face do real, à medida em que o sujeito equivale dizer que é simbólico e, portanto, desejante. Só é possível falarmos em real porque há o imaginário e o simbólico. O real enquanto iminente possibilidade de morte subjetiva somente pode ser sentida simbolicamente, pois ele não prefiguraria um corte se estivéssemos assentados somente nele. Analisemos o que diz Lacan no *Seminário XXIII*, chamado *O Sinthoma*:

A pulsão de morte é o real na medida em que ele só pode ser pensado como impossível. Quer dizer que, sempre que ele mostra a ponta do nariz, ele é impensável. Abordar esse impossível não poderia constituir uma esperança, posto que é impensável, é a morte - e o fato de a morte não poder ser pensada é o fundamento do real.

O que essa citação de Lacan nos diz sobre o real? Primeiro: pulsão de morte é o real, não enquanto em si mesmo, mas um pedaço do real, pelo menos enquanto episódios em que a angústia vem denunciar sua manifestação, porque se o real aparecer integralmente podemos afirmar que é a morte do sujeito. Por isso o real é impensável enquanto estamos, porque se ele estivesse, nós é que não mais estaríamos. Lembro da máxima de Epicuro acerca da morte, precisamente quando afirma que a morte “não significa nada para nós, justamente porque quando estamos vivos, é a morte que não está presente; ao contrário, quando a morte está presente, nós é que não estamos”.

O que queremos dizer com a menção da forma como Epicuro elabora a morte é simplesmente mostrar que a presença efetiva da morte, assim como o real, se torna impossível no horizonte da existência do sujeito, pois como queremos frisar, o real enquanto tal e seu aparecer total representa a morte do sujeito de desejo, portanto simbólico. Quando falamos em morte subjetiva não estamos se referindo a morte biológica, visto que é bem possível estar vivo biologicamente, mas não subjetivamente.

É claro que o contrário também é impossível, pois o sujeito é possível porque, também, está assentado no organismo vivo, embora um organismo vivo não garante que haja subjetividade. O sujeito, conforme estamos falando, é constituído no horizonte simbólico da cultura. Por isso a morte de que se trata, nesta perspectiva, é a que Lacan denomina de “segunda morte”, é ela que pode vir dar fim à existência do sujeito enquanto corporeidade – para usar um conceito de Merleau-Ponty.

Mas o que tem a ver a morte com o real? Para Jorge, “a morte é um dos nomes do real e talvez seja o melhor deles, algo que opera a radical perda do sentido”. A morte enquanto limite intransponível e impossível de reduzir em algum significante, prefigura o real em sua radicalidade. Na morte não falta nada, é o real em sua perfeita completude. A morte fura a realidade construída de forma fantasmática pelo sujeito. Portanto, a morte que Lacan está se referindo é esta morte que não se inscreve, que não cessa de não se inscrever, que escapa e se impõe acarretando angústia e, por isso mesmo, passividade, qual a finitude desencadeada pela atemporalidade mítica do inconsciente que Freud e Merleau-Ponty (este pela noção de tempo mítico) afirmaram.

Voltemos ao real em Lacan. Como ponto de partida para falarmos do real no ensino de Lacan, visto que este é extenso, é oportuno lermos o que Vandermersch lista como algumas das definições usadas por Lacan para se referir ao real. Assim, ao longo do ensino de Lacan, o real é descrito como:

- O que retornaria sempre ao mesmo lugar,
- O que surge como falhado, a tiquê,
- O que se demonstra como impossível, não cessa de não se escrever, mas que só se aborda pela escritura, deixando indeterminado se essa escritura deve ser entendida como somente procedente do Simbólico (real do simbólico) ou se deve ser incluída, também, uma parte irreduzível do Imaginário,
- O que faz 3 com o Simbólico e o Imaginário,
- O que deve ser abordado sempre pelo escrito. Há, contudo, uma via essencial que passa pela intuição, no dizer mesmo dos maiores matemáticos.

Estas definições feitas por Vandermersch a partir do ensino de Lacan nos dão a ideia, pelo menos em parte, como o real fora tratado pelo psicanalista, a saber, lógica, topológica, etc. Quando falamos do real em Merleau-Ponty, abordamos o nó borromeano, figura topológica que Lacan irá explorar no final do seu ensino. O real no nó é o que faz três, junto com o simbólico e o imaginário mantém a consistência da figura, algo que seria impossível se um dos aros se soltasse. Por isso o peso que o real possui é o mesmo ao do simbólico e do imaginário. Frignet esclarece:

O nó borromeu não é uma metalinguagem, ele não é simbólico. Também não é imaginário, uma representação ou um modelo. Ele é uma escritura, traço onde se lê um efeito de linguagem. Mas enquanto ele é borromeu, é uma formalização,

quer dizer que, como uma escritura matemática, a supressão de um único de seus elementos faz o conjunto perder todo sentido.

O nó borromeano enquanto escritura mostra assim o seu sentido estrutural. E isso para nós interessa porque o chamamos, a partir de Merleau-Ponty, de estrutura carnal. A carne como estrutura ontológica também é uma escritura, mas uma escritura ontológica. Não é representação, tampouco um modelo, mas antes de tudo ele é a estrutura carnal da qual e pela qual as coisas podem aparecer. No caso do nó borromeu, em nível do sujeito, ele revela sua estruturação, o que nos possibilita ler este sujeito na clínica. Mas quando afirmo que esta estrutura é a partir da qual as coisas se mostram, não é de forma alguma que as coisas sejam causadas pela estrutura, seja borromeana da qual Lacan se serve, seja a estrutura gestáltica de que se vale Merleau-Ponty para elaborar sua ontologia. As coisas se mostram por uma estrutura. A estrutura descreve este aparecimento das coisas, na medida em que nos dá uma outra forma de encarar sua manifestação. Não mais entre sujeito e objeto, a realidade humana é estruturada por imaginário, simbólico e real, ou, visível, invisível e nada.

Quando falamos de *das Ding*, foi dito que a Coisa não pode ser tomada a partir de atributos, pois então já não seria mais a Coisa, mas alguma coisa em particular. Não é demais lembrar ao leitor que a Coisa é um dos nomes ao real e que Lacan desenvolveu no seu ensino. Afirmar que é da ordem do bem ou do mal é consequência das metáforas que dele se faz por via dos significantes. Por esta razão é que afirmei acima que quando falamos do real já não é do real de que falamos.

O fogo é o real. O real põe fogo em tudo. Mas é um fogo frio. O fogo que queima é uma máscara, se assim posso dizer, do real. O real é para ser buscado do outro lado, do lado do zero absoluto. De um modo ou de outro, chegamos a isso. Não há limite para o que podemos imaginar como alta temperatura. Por ora, não há limite imaginável. A única coisa que há de real é o limite de baixo. É o que chamo de uma coisa orientável. É por isso que o real o é.

No real não há limite, pelo menos não pelas nossas definições de limite, ou seja, que podemos falar, escrever pelo simbólico ou imaginário. O real enquanto fogo pode queimar, mas simplesmente queima, sem ser quente. O impacto que ele causará no simbólico, isto sim, irá dizer se doeu ou está quente. Conforme reforça Harari:

Ocorre que o real [...] foraclui o sentido [...]. Nessa ordem, o real possui um limite inferior: é, com precisão, o frio. É o zero absoluto, a morte, o impensável. Ao afirmar a sua condição de queimante, já estamos fazendo metáforas, porque lhe injetamos (um) sentido. E não é cabível aduzir que o fogo é ardente, porque esse mero predicado já nos incorpora à realidade. O real se encontra – recordemos – além da realidade, e por isso, não aceita a contraposição frio-quente.



Já afirmamos no decorrer do texto este caráter impossível do real, pois não é demais ressaltar esta característica fundamental uma vez que existe a tendência de incorrer na descrição maligna do real, como sendo aquilo que é da ordem do horror. Essas impressões que se tem são verdadeiras, porém elas são decorrentes da incidência do simbólico sobre o real. O real não é isso ou aquilo, ele somente é. E este, vale lembrar, está fora da ordem do sentido, foraclui o sentido. Para Forbes:

O Real pode ser percebido como algo duro, impossível de ser captado por qualquer instrumento da realidade ou da virtualidade - palavra ou imagem - o que faz com que todos estejamos um pouco fora do caminho. Há uma pedra que nos desvia. A ninguém é dado o direito à certeza de sua percepção. Se delirar, etimologicamente, quer dizer 'sair do caminho', todos deliramos.

É consenso entre os principais psicanalistas que o real é o impossível, mas é deste impossível que se trata, por exemplo, quando tentamos aqui escrever um livro e defender por meio dele uma verdade. No entanto, essa verdade não tem como ser toda, ela é *não-toda*, precisamente porque a verdade total é impossível. Por isso, dirá Lacan, é pelo fato de a verdade absoluta ser impossível de se dizer, é que a verdade toca o real: "Sempre digo a verdade: não toda, porque dizê-la toda não se consegue. Dizê-la toda é impossível, materialmente: faltam palavras. É por esse impossível, inclusive, que a verdade tem a ver com o real".

Nesta mesma direção podemos lembrar que Merleau-Ponty sempre buscou considerar os limites que a percepção se depara. Desde suas primeiras obras o filósofo estabeleceu um estrito debate com a ciência moderna, evidentemente um debate crítico, por não concordar que se possa apreender um objeto em sua totalidade, mas sempre por perfis. Não é à toa, vale lembrar, que as análises em torno do membro fantasma foi, para Merleau-Ponty, a ocasião de poder mostrar as reduções que inevitavelmente acabam caindo as abordagens clássicas. A ciência acredita poder acessar e esgotar o real, dominá-lo, detê-lo por meio de análises objetivas.

Assim como certa tradição filosófica que, ao separar o sujeito do objeto acreditou em poder não deixar nenhuma fissura ou mistério que o sujeito não pudesse alcançar por meio da purificação do cogito. Entre o dogmatismo e o ceticismo, segundo Melman, a ciência se esforça para "tentar dominar o real (e foracluir a castração)". Nesta direção é que Merleau-Ponty estabeleceu um fértil diálogo com a psicanálise, precisamente porque ela fala desde outra dimensão, uma dimensão que chamamos de inconsciente, e que considera a verdade como não-toda (Lacan) ou inacabada (Merleau-Ponty).

Para Merleau-Ponty:

A ciência manipula as coisas e renuncia habitá-las. Estabelece modelos internos delas e, operando sobre esses índices ou variáveis as transformações permitidas por sua definição, só de longe em longe se confronta com o mundo real. Ela é, sempre foi, esse pensamento admiravelmente ativo, engenhoso, desenvolvido, esse *parti pris* de tratar todo ser como 'objeto em geral', isto é, ao mesmo tempo como se ele nada fosse para nós e estivesse, no entanto, predestinado aos nossos artifícios.

Não somente a ciência, a própria filosofia fundada num ideal de razão, acaba por tentar colocar o real na ordem do possível de ser apreendido por um sujeito transcendental. Lacan é enfático em afirmar que do real só podemos ter apenas pedaços. O que isso quer dizer?

Só podemos chegar a pedaços de real. O real, aquele de que se trata no que é chamado de meu pensamento, é sempre um pedaço, um caroço. É, com certeza, um caroço em torno do qual o pensamento divaga, mas seu estigma, o do real como tal, consiste em não se ligar a nada. Pelo menos é assim que concebo o real.

O que faz ligação, o que faz sentido, nós o vimos, é da ordem do semblante, do que está à nossa disposição. O real não faz ligação, pois ele é sem lei, não está dentro das leis da linguagem, ele é o que padece de significação. O real está fora, mas ao mesmo tempo dentro. A extimidade, de que falamos, esclarece esta topologia. Poderíamos escrever milhares de páginas acerca do real, de forma alguma seria possível esgotá-lo. Mesmo assim continuamos a tentar apreendê-lo. A tentativa de apreender o impossível é o que a espécie humana busca fazer. Mas será possível? Em partes sim, é isso que Lacan designa como "pedaços" de real. Um pedaço, não todo.

Conforme mencionamos, o real não é a palavra. A palavra visa significar algo inominável do qual não sabemos, estamos distantes, separados pelo muro da fantasia. Todavia, ele não deixa de produzir efeitos em nossa existência. Na clínica ele comumente aparece pelo nome de "trauma". O real do trauma é o que faz um paciente procurar o analista na esperança de conseguir trazer à simbolização este real que não se inscreve. A morte também é outro nome para o real, precisamente porque se coloca como impossível de retirarmos ela de nossa condição como seres dotados de um corpo vivo – embora alguns transumanistas não desistam de querer ceifar a morte de nossa realidade.

O leitor poderia perguntar, afinal, como saber reconhecer o real no momento que "encontrá-lo"? Como saber identificar o real? Há uma forma, um modo que podemos reconhecer o encontro com o real, com isso que não cessa de não se escrever, o nome disso é angústia. É o único afeto que não engana, a angústia é a "língua" do real. Na clínica, escreve Badiou, no que se refere ao encontro com o real:



Em que caem as defesas organizadas pelo imaginário e pelo semblante, a angústia passa a estar na ordem do dia. Só a angústia não engana, ela que é o encontro com um real tão intenso que o sujeito deve pagar o preço de se expor a ele.

Por este motivo é que a angústia revelará de que forma, este sujeito descentrado – sujeito do inconsciente –, não mais absoluto, que deseja e é cindido, é ultrapassado pelo real. Ademais, e este será o fechamento de nossa investigação, é porque o sujeito é descentrado e atravessado por um real que não cessa de não se inscrever, que será possível pensar no fenômeno da alteridade entendida como estranhamento. Uma alteridade de si mesmo, a qual Freud denominou de *unheimliche*, e que em nossa leitura configura outro nome para o real.

### Referências

- BADIOU, A. **Em busca do real perdido**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- EPICURO. **Carta sobre a felicidade**: (a Meneceu). São Paulo: UNESP, 2002.
- FRIGNET, H. Nó e enodamento borromeano. *In*: DORGEUILLE, C. **Dicionário de Psicanálise**: Freud & Lacan. 3. Ed. Salvador: Álgama, 2010.
- FORBES, J. et al. **A invenção do futuro**: Um debate sobre a pós-modernidade e a hipermodernidade, São Paulo: Manole, 2005.
- HARARI, R. **Como se chama James Joyce?** A partir do Seminário Le Sinthome de J. Lacan. Salvador: Álgama; Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 2003.
- JORGE, M. A. C. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan**: a clínica da fantasia. Vol. 2. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- LACAN, J. **O seminário, livro 22**: R. S. I. Inédito.
- LACAN, J. **O seminário, livro 19**: ...ou pior. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- LACAN, J. **O seminário, livro 23**: o sinthoma. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- LACAN, J. O simbólico, o imaginário e o real. *In*: \_\_\_\_\_. **Nomes do Pai**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- LACAN, J. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde de Freud. *In*: \_\_\_\_\_. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- MELMAN, C. Lacan (Jacques-Marie). *In*: CHEMAMA, R; VANDERMERSCH, B. (Orgs.). **Dicionário de Psicanálise**: São Leopoldo: Unisinos, 2007.
- MERLEAU-PONTY, M. *L'œil et l'esprit*. Paris: Gallimard, 1964.

SANTOS, R; MOHR, A. M. A (de)vida angústia de morte: considerações a partir da filosofia e da psicanálise. Nat. hum., São Paulo, v. 20, n.1, p. 169-187, jul. 2018.

TEIXEIRA, M. R. **Real, simbólico e imaginário no ensino de Lacan**: uma introdução. Maringá: Associação de Psicanálise de Maringá Ato Analítico, 2019.

VANDERMERSCH, B. **Le réel dans le nœud borroméen**. 13 nov. 2012. Disponível em: <https://www.freud-lacan.com/getpagedocument/9516>.